

Jornal: **Sopé da Montanha**

Periodicidade: **Mensal**

Tiragem: **1.000**

Data: **05/2011**

Secção: **Diversos**

Página: **7**



À CONVERSA COM **Domingos Nascimento**

O Dr. Domingos Nascimento vive em Cravaz, Tarouca. Foi Presidente da Junta de freguesia de Tarouca, é actualmente Presidente da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Tarouca.

Fundador da empresa Eurogestão, actualmente, administra as empresas do Grupo e é Presidente do Conselho de Administração no Grupo Moneris Douro e Beiras para além da Presidência de conselhos de administração de outras empresas. As exigências das suas funções profissionais levaram-no a fazer formação superior em Gestão e mais recentemente Mestrado em Ciências da Comunicação com tese na área da saúde.

Num tempo de profunda crise e algum ativismo, conversamos com alguém que não teve medo de arriscar e assumiu a iniciativa. A sua postura perante a vida não deixa de desafiar conformismos e de suscitar a iniciativa de pessoas e grupos.

Sopé da Montanha (SM) - A palavra 'crise' anda na boca de toda a gente. Afinal donde veio a crise e quais os seus efeitos?

Domingos Nascimento (DN) - *Em linguagem simples, crise significa que algo não está na sua normalidade. Todos nós também sentimos crises pessoais ou até familiares tanto na perspectiva dos afectos como, mais a propósito, na situação financeira. A crise financeira nas famílias começa quando alguma coisa vem alterar a vida económica dessa família. Por exemplo desemprego, um negócio que correu mal, uma doença que não permite o trabalho, etc. Todas as famílias têm compromissos económicos e quando algo corre mal, pode não ser possível continuar a cumprir os compromissos. Para resolver estes problemas as famílias procuram gastar menos. A crise de que todos vamos falando não veio mas foi-se formando. Na verdade Portugal foi gastando mais do que produzia e isso foi provocando uma dívida. O custo desta dívida deixou de ser suportável porque uma intensa tempestade nos mercados financeiros mundiais afectou o equilíbrio dos que nos emprestavam dinheiro e o custo desse dinheiro foi ficando mais elevado e deixamos de poder pagar. Os seus efeitos serão sentidos nas empresas mas fundamentalmente nas famílias, diminuindo o seu rendimento ou aumentando o custo de vida.*

SM - Diz o povo que "a culpa morreu solteira". Para uns a crise portuguesa deriva da crise internacional; para outros, ela tem a ver com a incompetência do governo;

DN - *Ninguém tem dúvidas que os problemas nos Estados Unidos afectaram os mercados financeiros de todo o mundo. Isto é, verificou-se que muitas operações financeiras nos grandes Bancos eram baseadas em coisas que não existiam. Empréstaram-se rios de dinheiro na América sem grande cuidado e desse dinheiro algum era proveniente das poupanças que muitas pessoas depositavam em fundos e coisas parecidas nos Bancos aqui na Europa. Deste modo muitos Bancos Europeus ficaram sem dinheiro de investimentos que tinham feito e assim muitas pessoas também. Mas muitos governos para as pessoas não entrarem em pânico e não se instalar uma desconfiança total nos Bancos, deram ou emprestaram aos Bancos dinheiro para garantir as poupanças das pessoas. Imagine-se o esforço feito para isto tudo, sendo que a única forma de ser pago é pelos impostos dos contribuintes ao longo de vários anos futuros.*

Claro que sempre poderemos dizer que para além da situação internacional nós no nosso país poderíamos ter gasto menos e melhor o nosso dinheiro. Eu concordo que nós podemos e devemos ser mais cautelosos na gestão dos impostos

das pessoas. É possível fazer o mesmo com menos dinheiro, sabemos nós organizar melhor os nossos serviços públicos. Mas também espero que isso não ponha em causa o apoio a muitas pessoas que efectivamente precisam de ajuda.

SM - E ainda para alguns, a crise deriva dos velhos problemas estruturais da economia Portuguesa. Em que ficamos?

DN - *Portugal é um país especial no contexto Europeu pois sofreu de um grande atraso pelo facto de ter permanecido em ditadura até muito tarde. Esse regime não permitiu o desenvolvimento do país como já estava a acontecer em toda a Europa ocidental.*

Após o 25 de Abril de 74, muitos progressos foram feitos e Portugal é um País irreconhecível para melhor. Em 1986 com a entrada na CEE, Portugal teve direito a muitos fundos para evoluir, mas infelizmente muito dinheiro não foi bem aplicado. Isto é, não foi aplicado em coisas que produzissem para o futuro. Até nos pagaram para deixar de produzir, como por exemplo na agricultura.

A nossa economia não apostou em empresas de alto valor acrescentado mas sim em empresas de produção com mão-de-obra barata e não qualificada. Com a força de China e com a entrada de outros países do leste europeu na UE, as empresas portuguesas deixaram de conseguir competir e começaram a fechar.

Mas vamos ser optimistas e verificar que há muitos bons exemplos em Portugal de empresas muito competitivas a nível mundial.

SM - Falar dos bancos está na moda. Ouse-se: "Os lucros da banca são fabulosos ... a banca paga baixos impostos ... falência de bancos e injeção de dinheiros públicos... especulação bancária ... baixos juros aos aforradores e juros demasiados altos a quem precisa de investir ... dificuldades de acesso ao crédito..."

Situe-nos a situação bancária face à realidade portuguesa.

DN - *A Banca portuguesa é inovadora e bem estruturada mas também sofreu com esta crise financeira. Pois os Bancos Portugueses para emprestarem dinheiro a todos nós que resolvemos comprar casa veio do estrangeiro porque nós não produzimos para ter dinheiro que chegasse para estas compras todas. Claro que com essas confusões financeiras nos Estados Unidos e noutros países os bancos portugueses tiveram que pagar mais caro o dinheiro que tinham pedido emprestado e consequentemente obrigam as pessoas a pagar mais de juros e a pagar outras taxas que às vezes ninguém entende.*

Mas a Banca é o reflexo da situação económica e financeira de um país.

SM - É seguro hoje colocar dinheiro nos bancos? Muita gente vive intranquila face à sorte das suas poupanças...

DN - *Há uma coisa que todos nós aprendemos com esta confusão generalizada nos mercados financeiros, nada é seguro. A economia é feita pelos Homens e ficou claro que nos mercados financeiros também há muitos Homens não muito Honestos. E isso provocou em todos nós, mesmo os mais esclarecidos nestas questões uma desconfiança muito grande. Existem organismos para fiscalizar todos estes movimentos financeiros, como por exemplo o Banco de Portugal, mas na verdade parece que mesmo assim há sempre "artistas" a encontrar forma de dar a volta a essa fiscalização. O caso do BPN é um exemplo.*

Mas só nos resta uma hipótese, confiar desconfiando sempre que quando a esmola é grande, pois os nossos bancos apregoaram muita coisa que não era verdade nem segura.

SM - Não há televisão que diariamente não fale da "Bolsa", mas muitos portugueses não sabem o que é isso. O que é a Bolsa? Como funciona? O que são 'empresas cotadas em bolsa'?

DN - *Bolsa é um organismo onde, com regras definidas, se compram e vendem acções que representam pedacinhos do capital de uma qualquer empresa. Isto é, uma empresa tem assim como que um pedaço de pano que é o seu capital e é repartido em pedaços pequenos e que pertencem a várias pessoas ou até a outras empresas. Na bolsa levam-se lá esses pedaços de pano (só*

como exemplo) e vendem-se a outros que depois procuram vender a seguir por um preço superior.

O preço dessas ações na bolsa sobe/ desce como que sem explicação. É verdade se diga, nem sempre se percebe mesmo porque isso acontece e por uma razão simples: é que o preço das coisas não é algo muito racional. O preço das coisas é em primeiro lugar o que alguém está disposto a pagar e todos sabemos que todos, às vezes, pagamos um preço por coisas que mais tarde não compreendemos a razão. Por isso não se pense que no mundo dos grandes negócios também não se fazem coisas que não se percebem, motivadas por coisas até nem sempre a esses negócios ligadas. Por exemplo, se o Presidente de uma grande multinacional dá a conhecer um problema de saúde, pode influenciar o preço das ações porque os mercados ficam desconfiados que algo aconteça.

Mas claro que há factores mais racionais como os resultados (lucros) das empresas que são fundamentais para a subida ou descida das ações. Se eu sei que determinada empresa está a dar lucro, vou procurar comprar ações dessas, com a ideia que depois posso receber parte desses lucros, mas também quem tem as ações só se desfaz delas a um bom preço porque sabe que elas são bastante cobiçadas. As empresas cotadas têm que obedecer a determinadas regras em particular no âmbito da transparência das suas contas.

SM - É verdade aquilo que se ouve a alguns economistas quando afirmam que "Portugal vive acima das suas possibilidades há muito tempo"? Sendo verdade, como é que se tem então mantido um estilo de vida ruinoso para o futuro de todos nós?

DN - Todos nós, em algum momento da nossa vida, talvez tenhamos gasto mais do que o que devíamos. Uns comprando coisas que produziram para o futuro, outras vezes comprando coisas sem grande utilidade ou até com utilidade mas que em vez de produzirem ainda temos que gastar para as manter. Com o país é a mesma coisa, os diversos governos têm feito opções para a forma como gastam o dinheiro dos contribuintes. Poderemos discordar mas todos nós fomos acreditando que seria possível fazer coisas e gastar sem nos preocuparmos em saber de onde vinha o dinheiro.

Mas nós, nas nossas famílias, também acreditamos podermos comprar casa, carro e tudo o resto sem que nem sempre tenhamos parado para pensar que, sem termos já o dinheiro para as pagar, estávamos já a comprometer os rendimentos que iam ter no futuro. Ou seja a decisão de compra de casa ou carro recorrendo a crédito, pressupunha que os nossos rendimentos iam ser sempre os que tínhamos nessa altura. E se isso acontecesse dentro de um limite aceitável, não fazia mal. Mas na verdade muitas famílias não conseguiram perceber que o futuro tem sempre uma dose de grande incerteza. Mas tenhamos também em conta que muitas famílias pensaram bem, fizeram boas opções e agora foram apanhadas nestes problemas financeiro e económicos que não eram assim tão previsíveis. Como diz o povo, nem tanto ao mar nem tanto à terra, todos temos que medir da melhor forma que podermos as nossas opções financeiras tendo em conta que há sempre um risco, como em tudo na vida.

SM - Seja qual for o governo que venha a sair das próximas eleições legislativas, seremos obrigados a seguir as medidas combinadas entre a 'troika' e o governo

Que liberdade de acção fica a restar ao próximo governo? O que é que essas medidas acarretam de mais gravoso para o povo português?

DN - Mais importante que todos os pormenores, é que nós chagamos a um ponto em que não nos foi possível continuar a pedir dinheiro com normalidade, ou seja pedir e pagar os juros e nas alturas combinadas amortizar o empréstimo. Os nossos financiadores estrangeiros já não estavam dispostos a emprestar mais porque começaram a desconfiar que já não podíamos pagar.

O que a troika fez foi emprestar-nos muito dinheiro para cumprirmos as nossas obrigações e para além dos juros obriga-nos a fazer o que acham melhor para que dentro de alguns anos

possamos pagar-lhes e podermos voltar a ir aos financiadores normais e podermos sozinhos cumprir as nossas obrigações.

No fundo pensemos que devemos dinheiro a alguém e que não podemos pagar, para resolver o problema. Outra pessoa acredita em nós e empresta-nos dinheiro para resolvermos os nossos compromissos, mas impõe regras na nossa vida. Por exemplo diz-nos que não podemos ir de férias, que não podemos gastar em tantos cafés por dia, que não podemos comprar carro novo, que temos que desistir da televisão por cabo etc.

Por isso a liberdade do próximo governo só está na possibilidade de cortar nesta despesa ou noutro tipo de despesa e pouco mais que isso. E, naturalmente começar a criar condições para que no futuro não venhamos a cair nesta situação. Também nós nas famílias teremos que ir poupando ou gastando menos, principalmente em coisas desnecessárias ou não tão necessárias, para que não precisemos de uma qualquer "troika" também.

SM - Nestes dias, a comunicação social tem falado amiudadamente que Portugal entrou em "recessão técnica". Que significa tal facto?

DN - Quer dizer que a nossa economia está a andar para trás. O conjunto das empresas, das famílias, do estado, produz coisas e serviços que no seu conjunto são o que se chama riqueza nacional. Recessão quer dizer que os valores que produzimos este ano são inferiores ao que produzimos o ano anterior e que teremos que gastar menos ou então vamos ficar ainda mais endividados.

SM - Como Gestor, que caminhos aponta à sociedade portuguesa para a saída da grave crise actual?

DN - Pensemos em nós, nas nossas famílias, só podemos sair duma eventual crise financeira, trabalhando mais e gastando menos. Isto numa situação normal pois quem fica sem emprego ou tem outro infortúnio isso é bem pior.

Mas dentro das minhas limitações, acredito que tudo começa na formação e educação para a vida. Todos temos que perceber que não podemos inculir nos nossos filhos uma ideia de facilidades.

No país a formação dos nossos jovens, a aposta numa gestão pública mais exigente e eficiente, a estruturação de empresas viradas para a exportação e empresas do mercado interno mais bem organizadas, são os caminhos mais adequados.

SM - Há quem afirme que a crise é geradora de oportunidades. Concretamente, aqui em Tarouca, que oportunidades se nos podem deparar?

DN - Tarouca insere-se numa região com potencialidades extraordinárias. As características do nosso clima, a geomorfologia, a sua história, a existência de produtos locais com características únicas, fazem desta região uma grande referência no mundo. Nós somos Douro, somos uma parte do passado desse Douro e por isso seremos certamente promotores neste Douro de esperança. Depois das infraestruturas básicas estarem criadas em todas as nossas aldeias, vilas e cidades, agora esta região deve colocar-se ao lado das pessoas para que as grandes potencialidades sejam aproveitadas em pleno. É urgente um plano de desenvolvimento económico e social para esta região que dê indicações claras acerca do caminho a seguir. Deste modo os investidores locais e outros, saberão encontrar as melhores soluções para o futuro. Percebo que o Turismo, actividade com grande valor acrescentado e de cariz exportador, a agricultura apostando na produção de produtos diferenciadores, bem com a silvicultura, serão segundo a minha opinião a grande oportunidade para o nosso futuro como comunidade. Todos poderemos participar nesse futuro com iniciativas empresariais ou outras independentemente da sua dimensão. O conjunto de pequenas iniciativas será certamente de grande importância para esta região.

Aproveito para ressaltar que as respostas foram dadas sem preocupação técnica.

Saliento também que a melhor forma de aproveitar as oportunidades é encarando a vida de outra forma, fazendo o que muitos portugueses fazem todos os dias, trabalhando e procurando soluções de esperança sempre com muita alegria e que nunca devemos deixar de pensar naqueles que embora com muita vontade de fazer coisas, a vida não lhes tenha sorriso. Não devemos esquecer-nos nunca do nosso papel na sociedade e em particular na nossa comunidade e por isso é fundamental a participação nas iniciativas sociais e nas Instituições que as promovem.

